



JOGOS POLÍTICOS E/OU JOGOS DE LUTAS? UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL SOBRE DISPUTAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Flaviana Custódio Silvino; Diego Miranda Nunes; Thiago Silva Peres; Juliana Carvalho Cabral; Rodrigo Lemos Soares

RESUMO

O artigo que segue tem como enfoque discutir questões de gênero no universo das lutas na escola. Realizou-se uma revisão da literatura estudada na graduação em Educação Física, referente a gênero e lutas como conteúdo da Educação Física escolar, pautando-se nos aspectos sociológicos, históricos e culturais com o objetivo de apontar as lutas como um grupo de atividades que pode contribuir para a formação de sujeitos reflexivos acerca dos preconceitos de gênero. Espera-se que o mesmo propicie discussões acerca dos temas levantados facilitando as ações dos professores desses componentes curriculares.

PALAVRAS-CHAVE: *Lutas, Gênero, Educação Física Escolar.*

ABSTRACT

The following article is to focus on discussing gender issues in the world of fights at school. We conducted a review of the literature studied in undergraduate Physical Education, related to gender and struggles as contents of Physical Education, and are based on sociological aspects, historical and cultural in order to point out the struggles as a group of activities that can contribute to the formation of reflective subjects about gender bias. It is expected that it fosters discussion about the issues raised facilitating the actions of teachers of these curriculum components.

KEYWORDS: *Fights, Gender, Physical Education.*

RESUMEN

El siguiente artículo es centrarse en la discusión de las cuestiones de género en el mundo



de las peleas en la escuela. Se realizó una revisión de la literatura estudiada en la licenciatura de educación física, en relación con el género y luchas como contenidos de la educación física, y se basan en aspectos sociológicos, históricos y culturales con el fin de precisar las luchas como un conjunto de actividades que pueden contribuir a la formación de sujetos reflexivos sobre los prejuicios de género. Se espera que fomente la discusión acerca de las cuestiones planteadas facilitar las acciones de los profesores de estos componentes del plan de estudios.

PALABRAS CLAVES: Peleas, Género, Educación Física.

AQUECENDO PARA USAR O TATAME, O CERCADO E A QUADRA...

O presente estudo tem sua origem nos debates e vivências proporcionados pela disciplina, discutindo gêneros e sexualidades na escola, coordenada pelo professor Sérgio About no curso de Educação Física (EF) licenciatura da Universidade Federal Fluminense (UFF) e sua continuidade nas aulas de Lutas dos professores Raquel da Silveira, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Chuno Mesquita, na primeira instituição. O aprofundamento do mesmo se concretiza na Especialização em Educação Física escolar, na FURG, especificamente no seu terceiro bloco, no qual discutimos a EF nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e suas relações com Saúde.

A partir dos conteúdos discutidos e aprendidos, nas disciplinas (campo científico) e das minhas vivências (campo empírico) em espaços de prática de lutas, com sentido para além das artes marciais, nas aulas, nos estágios em Educação Física e na militância LGBT, decidi ampliar as discussões, tendo em vista as possibilidades abertas pelo jogo de trocadilho com o substantivo Lutas, a partir de um primeiro movimento, pôster apresentado no III CSCE, produzido em grupo e denominado “*Lutas e questões de gênero: construções histórico-sócio-culturais*”¹ que me incitou a aprofundar algumas relações de entre lugares observados nessas vivências/instâncias, chegando a esta pesquisa.

¹ Link do resumo, pôster apresentado no III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, realizado em Niterói – Rio de Janeiro, de 23 a 25 de setembro de 2010. Apresentado pelos colegas Marcus Paulo Araujo e Raphaela Alvarenga.



No título, apresenta-se uma problemática, a qual me levou a questionar que tipos de jogos se estabelecem nas práticas escolares, isto é, o político, no qual as disputas se dão a todo instante, através das resistências expostas pelos meninos contrários à participação das meninas nas atividades de contato, como as lutas, subsidiados por um biologicismo, ou pelos professores que não exploram esse conteúdo, seja pelo mesmo entendimento dos meninos mencionados, falta de prática ou desconhecimento dos fatores que contemplam os jogos de lutas.

Ao longo do artigo a discussão envolve questões de gênero e sexualidade e a prática de lutas com relação direta ao campo da educação física escolar. Durante a elaboração do mesmo o foco foi apresentar conceitos de gênero e lutas, a partir de visões sociológicas e pedagógicas, na intenção de problematizar o sexismo, ainda presente na prática de algumas lutas, principalmente na escola. Além de questionar as opressões de gênero feitas na sociedade que são reproduzidas no espaço escolar.

ENTRANDO NAS QUATRO LINHAS... GURIAS X GURIS

Vivemos em um ambiente que as habilidades motoras são construídas culturalmente, é lógico que os determinantes biológicos influenciam, mas não são o caráter principal de tal processo. Nesse sentido, Goellner (2007) aponta que,

pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico (p.28).

Nessa lógica, não se quer desconsiderar a materialidade biológica dos corpos, mas se propõe a pensar que as inscrições e demarcadores são influenciados por saberes que se colocam na centralidade, atribuindo lugares e papéis a homens e mulheres. Este pensamento é cercado, exemplificado nessa reflexão, a partir dos brinquedos que são, na sua maioria, produções que induziram e determinaram modos de brincar e a generificação de algumas brincadeiras e práticas sociais, aos quais gurus e gurias são expostos desde

<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/cbcesudeste/iicbcesudeste/paper/viewFile/2372/1905>.



cedo, partilhando assim de visíveis pedagogias da sexualidade e disciplinamento dos corpos, muitas vezes sutil, discreta e contínua (LOURO, 2001) a exemplo, as distinções de cores e artefatos voltados aos ditos mundos masculinos e femininos.

As habilidades ditas masculinas ou femininas vão sendo priorizadas, impostas a meninos e meninas ao longo dos seus primeiros anos de vida. Esta situação ilustra a afirmativa de Robert Connell (1995) quando argumenta que “as brincadeiras consideradas masculinas se apresentam em uma linha tênue entre a violência e a exibição de força, fatos nos quais o gosto pelos esportes e a representação da força são características inerentes e significadas na cultura ao corpo masculino”. Complementa-se o exposto dialogando com Azevedo (2003) ao afirmar “que força, agressividade e velocidade são características heteronormativamente construídas como masculinas, assim como, flexibilidade, cuidado e afetividade são constructos para o gênero feminino”, desconsiderando, desse modo, que as produções perpassam e produzem inúmeras outras vontades de verdades. Dessa forma, desde novas as meninas aprendem que práticas esportivas fogem do seu padrão imposto socialmente e que não podem ser praticadas por elas, pois “atrapalham” a sua imagem e desempenho de “reprodutora”. Essas sentenças, ainda podem ser vistas nas escolas e por vezes naturalizadas, silenciadas e/ou distanciadas dos debates necessários acerca das construções dicotômicas dos gêneros².

Sobre o mencionado Goellner expõe que:

Por muito tempo as atividades corporais e esportivas (a ginástica, os esportes e as lutas) não eram recomendadas às mulheres porque poderiam ser prejudiciais à natureza de seu sexo considerado como mais frágil em relação ao masculino. Centradas na em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para mulheres e homens onde o espaço do privado – o lar – passou a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias de seu sexo tais como a paciência, a intuição, a benevolência, entre outras (p.31).

² Segundo Ballesteros (2010) os movimentos feministas não só tem conseguido chamar atenção sobre direitos das mulheres como também adensar o debate sobre subalternização; com aportes teóricos densos e com subsídios a diferentes conhecimentos e influenciando, tanto os discursos políticos como as práticas sociais.



Assim as lutas, foram durante algum tempo consideradas exclusivas do âmbito do masculino, pois, no mundo das artes marciais foi comum que o imaginário popular se direcionasse a evidenciar o homem como elemento ativo e como parâmetro norteador de todas as práticas corporais. Notoriamente, ao observar o contexto sócio histórico em que algumas artes marciais foram desenvolvidas, não é raro se deparar com um modelo de sociedade patriarcal e de submissão do sexo feminino, ligados às noções da masculinidade hegemônica³ de cada período.

Não seria estranho dizer, considerando a história, a cultura e o contexto social, que as artes marciais foram feitas exclusivamente para os homens, de forma a edificar a figura do “macho” como o superior e organizador da ordem social. Até porque diariamente os homens “precisam” reafirmar a sua masculinidade perante o meio social vigente, pois o bom reprodutor é aquele ágil, forte e habilidoso, seguindo o que afirma Moreno (1999), essas significações se concretizam “na valorização da força, da competição, e no desejo de domínio”. Ainda nesse pensamento, o mundo dos esportes, segundo Isse (2003) poderíamos dizer é masculino, “pois as qualidades desejáveis aos esportistas, como combatividade, o desejo de superar-se, a ousadia para correr riscos, a agressividade, a força e a potência, que culturalmente têm sido associadas à virilidade, à masculinidade” (p.93).

A partir de um viés sociológico que considera o gênero como um “constructo sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder” (MEYER, 2003), pode-se discutir as relações de gênero dentro da organização das artes marciais. Além disso, a intenção é a de que se discuta, ampliando os debates acerca do tempo histórico e as condições de possibilidade e existência dessas artes, traçando os possíveis diálogos e relações entre as lutas travadas pelas mulheres naquele período e hoje, para conseguirem se desvincular das verdades daquela época e assim despontarem como contraventoras dos seus respectivos sistemas organizacionais expondo que também possuem habilidades físico-motoras, para usufruir do mundo das lutas e demais práticas corporais.

³ Entende-se que o conceito de Masculinidade Hegemônica está em amplo questionamento, por sua estruturação não ter respeitados as múltiplas masculinidades e assim acabar representando uma parcela social. Para mais ver: CONNELL, Robert W. e MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>



De acordo com Alves Jr. (2001), em seu ensaio *“O judô na universidade: Discutindo questões de gênero e idade”*, o autor afirma que: “Muitas delas [as lutas] como o judô, carregam na sua origem, na sua essência, uma perspectiva espiritual, uma busca pela perfeita harmonia do indivíduo não havendo separação entre corpo, mente, espírito e a natureza”.

Se por um lado, encontro um imaginário que evidencia a figura do homem como superior, por outro Alves Jr. exalta uma linha de pensamento dentro da própria organização das lutas que preconiza a busca pela harmonia e respeito aos praticantes, independente do seu sexo e seu gênero. Nessa perspectiva, considerando as várias temáticas postas pela literatura na área de gênero, educação física e lutas, o movimento que deve ser encadeado é o de romper com essa divisão de sexos, onde um é exaltado e colocado, sem discussão, como “dominante” e o outro “dominado”, expresso esse relato atentando principalmente ao escape das polarizações, em uma perspectiva na qual o deixar de ser um ou outro, poderá ser mais produtivo a ambos. Isto, porque não é somente o fato de uma mulher ou homem estarem praticando lutas, o problema, mas sim a suas imagens na sociedade, pois com a invasão feminina nestes espaços os homens estariam perdendo a sua dominação (BOURDIEU, 1999) e eis uma instauração de medo.

Assim, não é a prática feminina de lutas que preocupa os homens e sim a possibilidade da inversão da hierarquização imposta pela heteronormatividade compulsória (LOURO, 2001) e sexista, probabilidade essa que pode levar a autoridade e independência das mulheres. A argumentação contrária à tomada dos espaços masculinos é justificada, pois a sua imagem (das mulheres) não seria mais a da delicada e fraca, seria a imagem de uma “lutadora” não só pelas práticas físicas, mas pela a sua igualdade em direitos aos homens na sociedade. Corroborando com essa linha de pensamento, o estudo denominado: *“A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil”*, a autora aponta que,

Ter como meta uma política de igualdade social entre homens e mulheres é algo que precisa ser elaborado desde o nascimento e em todos os tempos e espaços da vida social, como uma opção político-educacional.



Nessa perspectiva, faz sentido trabalhar um rompimento com a dimensão sexista da Educação Física, que impede uma convivência mais solidária entre os meninos e as meninas, homens e mulheres (SAYÃO, 2009, p.12).

Estudos apontam que a presença feminina dentro do espaço das lutas é encarada como uma afronta aos homens, isto porque o ambiente de academias, escolas e centros de treinamento, onde ocorrem estas atividades, propiciam um espaço que incentiva uma gama de símbolos do masculino, Gastaldo (*apud*. THOMAZINI, MORAES e ALMEIDA, 2008). Ao longo da história as mulheres vêm assumindo espaços dentro da sociedade e a inserção em massa delas no mercado de trabalho tem modificado a dinâmica social onde o homem era a figura que tudo provia. Contudo, não se quer afirmar que antes elas já não trabalhavam, o que se está mencionando é o fato de que na atualidade elas são reconhecidas nesses espaços e suas intervenções tem gerado interesse de outras mulheres para assumir postos antes masculinos.

Esse ganho de espaço também se deu no cenário das lutas, de forma que o desconforto gerado se deva à quebra dos símbolos masculinos gerando rupturas de determinados argumentos que outrora foram usados para barrar a iniciação das mulheres em atividades, originalmente voltadas, ao público masculino (THOMAZINI, MORAES e ALMEIDA, 2008).

Assim como qualquer criação humana, as lutas estão sujeitas às diversas ideologias sociais que surgem com o passar do tempo, do mesmo modo que o entendimento de gênero e sexualidade. A construção desses dois conceitos são processos de “[...] inúmeras aprendizagens e práticas, que se insinuam nas mais distintas situações, são empreendidas de modo explícito ou dissimuladas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais” (LOURO, 2008).

Com base nessas literaturas, posso expressar que dependendo de como o trabalho com as lutas for realizado, elas podem enfatizar o espírito crítico (QUEIROZ; GOMES e SANTOS, 2007), a aprendizagem e compreensão de outras culturas, o aprimoramento da moral e do senso de respeito e dever para com os outros e para com a sociedade.

Vários foram os empecilhos e argumentos colocados no âmbito social para não



permitir a participação da mulher no espaço competitivo das modalidades de lutas, estes muitas vezes nem um pouco embasados. Dentre esses argumentos podemos ressaltar que havia a “preocupação” de preservar o corpo da mulher para a fertilidade e futura maternidade, argumentando que as atividades corporais poderiam comprometer essas funções biológicas (MOURÃO e SOUZA, 2006). Entretanto, a literatura referente a diversas modalidades aponta que muitas foram às estratégias para burlar as regras e correntes de pensamento sexista e permitir a inserção da mulher no universo competitivo de todos os desportos, citando exemplos como o do judô (SOUZA e MOURÃO, 2006) e do futebol (GOELLNER, 2005).

Nesse sentido Ferreira (2006) argumenta que “[...] o ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência” (p.37). A partir desse fragmento do estudo de Heraldo Simões Ferreira, podemos estabelecer a relação de uma luta social de gênero, cujo objetivo é o de possibilitar ou pelo menos exprimir uma tentativa de igualar homens e mulheres dentro da sociedade com o fato de que a humanidade se moldou a partir de diversos tipos de luta, seja de gênero, classe, etnia e etc.

Segundo Meyer (2003) “o que uma perspectiva como esta possibilita, ao colocar as coisas aparentemente banais e naturais em questão, é compreender que tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas como tais. E que isso muitas vezes nos escapa!” (p.25). Salieta-se nessa lógica, que não somos sujeitos passivos destas produções e tão pouco da cultura em si. Estamos inseridos nas lógicas produtoras, nas relações de poder, articulando nossas redes nos processos de confecção, de forma ativa ou passiva, sofrendo-os ou impondo-os, a nós mesmos à aos outros com quem convivemos. Assim, refletir sobre os processos de participação e atuação ao trabalharmos com lutas, na escola ou em quaisquer espaços, é sempre importante fazer uma discussão política acerca dessas construções mencionadas ao longo do texto.

AS AULAS E AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR...

A maioria das lutas tem origem oriental e possuem princípios disciplinadores. No



Brasil, o trabalho com estas artes focou-se em suas práticas tradicionais que com o passar do tempo sofreram processos de ocidentalização, de modo a incorporar elementos de outras culturas até institucionalizarem-se no campo dos esportes (BREDA et. al., 2010, p. 51). Ao analisar o contexto social de algumas lutas encontraram-se modelos de sociedades que tinham/tem a figura do homem como centro de tudo, de forma que a submissão da mulher era/é justificada por diversos argumentos, principalmente os biológicos. O mesmo pode ser destacado na história de algumas modalidades olímpicas, onde a prática feminina era proibida por lei, contudo, tais proibições sempre foram burladas com estratégias ousadas e grande apelo social (SOUZA e MOURÃO, 2006).

Entretanto, ao se considerar o modelo social – capitalismo, e o espaço para discussão – escola, em que estamos imersos, o termo mais adequado a ser utilizado seria “lutas”. Isto por que:

A luta como atividade esportiva, é entendida como instituição evolutiva e como um importante componente do desenvolvimento humano. Através da sua variedade de métodos e estilos, elas têm sempre sido indicadas como uma excelente atividade física, visando entre outras, a formação integral do indivíduo (MESQUITA e ALVES JR, 2009).

Ainda pode-se somar a esta menção o fato da necessidade de transformações pedagógicas das Lutas, na tentativa de aproximá-las da escola, dos educandos. A transformação do esporte como apresenta Vago (1996) e outros autores, no sentido de que não se reproduza a cultura técnico-hegemônica do esporte na escola a ponto de afastar os participantes dessas práticas. O esporte da escola, na intenção desse autor, é sempre positivo, pois passa a respeitar as individualidades e propicia que o educando vivencie de outra forma, que não somente a técnica, a performance, os esportes e demais conteúdos a que se propõe a Educação física escolar.

As lutas são um dos conteúdos abordados pelos parâmetros curriculares nacionais - PCNs (1998), dentro do componente curricular da Educação Física Escolar (EFE). Algumas pesquisas levantam argumentos diretivos ao não uso dessas práticas no ambiente escolar, uns até restritivos, no sentido de conexão com a violência. No entanto, o que pretende aqui é afirmar que essas práticas permeiam nosso cotidiano escolar e o que dificultaria o trato deste conteúdo nas aulas seria a falta de contextualização,



tantos dos problemas sociais, quanto das culturas filosóficas das práticas a serem desenvolvidas e as relações de gênero as quais os educandos são expostos em relação às lutas. Nesse sentido, algumas obras voltadas a área, como o Coletivo de Autores (1992) abordam possibilidades para a tematização do ensino das Lutas no âmbito da EFE.

Dialogando com um conceito de lutas, uma definição, é expressa Gomes (2008) ao afirmar que elas são,

Práticas corporais imprevisíveis, caracterizadas por determinado estado de contato, que possibilitam a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente (p.49).

Por mais que nos movimentos feministas os alvos não sejam sempre personificados, a proximidade e o trocadilho da palavra lutas cabe aqui para expressar que as disputas das mulheres em relação aos processos de submissão aos homens podem ser aproximadas da conceituação dada por Mariana Gomes.

Ao analisar os materiais pesquisados foi possível visualizar diferentes modos de se desenvolver pedagogias com as lutas, destaquei o trabalho de Carreiro (2005), que tem como objetivo distanciar-se do treinamento que é proposto na formação de atletas, como por exemplo: a adoção de brincadeiras lúdicas, a valorização dos saberes prévios do aluno sobre o tema, o caráter não competitivo, o uso de materiais alternativos, entre outros. Também, nesse sentido Olivier (2000), apresenta estes conteúdos de forma lúdica, afastando-se do treinamento competitivo, sem deixar de trabalhar o preparo técnico, a partir de brincadeiras, jogos recreativos e cooperativos. Nesse percurso, também foi possível notar a influência dos currículos⁴ em que foram desenvolvidas tais pesquisas.

Em meio aos discursos dirigidos aos acadêmicos de Educação Física é esperado inicialmente, que o futuro professor sinta-se capacitado a apresentar mais uma forma de expressão da cultura corporal de movimento, no entanto, geralmente quem assume essas aulas são professores que já tiveram contato com alguma modalidade de lutas. No projeto político pedagógico dos cursos das duas instituições mencionadas - FURG e UFF - não há

⁴ Assumo por currículo não só as ações escolares, mas também as culturais, tecnológicas, meios midiáticos, que significados nas culturas, ensinam e regulam os corpos, produzindo subjetividades e definem modos e configurações de viver nas sociedades, em determinados períodos históricos.



a exigência de formar lutadores, não é este o objetivo da graduação, o que se propõe é que o egresso sinta-se inspirado/motivado a desenvolver aulas de lutas no correr de sua prática pedagógica. Construir alguns conhecimentos básicos, diante das questões conceituais, procedimentais e atitudinais seria um bom começo (CARREIRO, 2005, p. 249). Contudo, para esse começo espera-se um contato com o grupo e o currículo da escola, para depois se pensar nas práticas escolhidas para assim iniciar as discussões acerca do que são as lutas e como hoje elas se estabelecem no cenário da escola e também da sociedade em geral, explicitar os caminhos que a trouxeram até o grupo e o porquê da importância de se trabalhar com elas.

Devido ao percurso acadêmico vivenciado, a experiência inicial pode sim, ser um facilitador de aplicações prático-teóricas de conteúdos voltados a EFe, no entanto, só isso não basta e assim, defendo que ao longo da formação os conteúdos sejam relacionados aos problemas sociais, de modo que os licenciandos possam desenvolver habilidades para experienciar e desenvolver os diversos conteúdos em suas aulas.

Ensinar lutas de uma maneira mais abrangente, ou seja, mostrar aos educandos o que há de comum nelas para que eles possam compreendê-las de modo mais significativo, partindo do geral para o específico de maneira gradual, de modo que gurias e guris entrem no combate ou pelo menos no debate acerca das possibilidades de pensamento crítico que as técnicas podem proporcionar, parece ser um caminho para desmistificar as incitações de especialistas na formação de professores em Educação Física. Independente se a discussão recairá sobre o corpo anátomo-fisiológico ou constructo sócio-histórico-cultural, desde que o mediador esteja atento às manifestações constrangedoras e que saiba conduzir a teoria e prática, sem se preocupar com as técnicas específicas de cada luta, terá em mãos um possível trabalho questionador.

As Lutas dispõem de princípios condicionais (contato proposital, fusão ataque/defesa, oponente/alvo, imprevisibilidade e regras) determinantes para a compreensão e leitura da dinâmica interna de qualquer modalidade, que solicitam o pensamento tático e a criação de técnicas para solução dos problemas num combate. É sobre essa lógica que se afirma a importância da interlocução entre os conteúdos. Assim,



pôde-se classificar (grupos de aproximação) e conceituar as Lutas como um conhecimento da Educação Física, passível de ser ensinado na educação formal e não formal, de maneira global, antecedendo o estágio especializado (GOMES, 2008, p.11).

Sendo assim, existe a possibilidade de ensinar os jogos de lutas e as práticas corporais na escola aproximando-as da realidade dos educandos, a partir, de brincadeiras e conhecimentos que eles desenvolveram com seus pares, inserindo os saberes técnicos, próprios das lutas, a exemplo de Breda et al. (2010) podemos utilizar brincadeiras populares bastante difundidas nas escolas como pega-pega e queimada, adaptando-as para permitir conhecimentos sobre as lutas, usando dentro destas brincadeiras termos próprios da modalidade de luta ensinada. Afirma-se isto, pois, através da proposta é possível desenvolver a capacidade de agir e de adaptar-se, “ao longo da atividade, o educando será conduzido a utilizar uma gama variada de deslocamentos, apoios e condutas motoras que irão sendo aperfeiçoados pouco a pouco no decorrer das aulas” (CLAUDE, 2000. p. 14). Dentre as combinações esperadas, encontra-se o reconhecimento dos problemas de gênero, localizados na prática e na filosofia de cada modalidade de luta a ser desenvolvida.

SE TEM COMO SOAR O GONGO, NESSAS CONDIÇÕES, O QUE SEGUE, QUE SEJA UM CAMINHO POSSÍVEL...

A partir da revisão de literatura estudada na graduação em Educação Física – licenciatura e reflexões feitas no decorrer deste e de outros estudos, a pretensão é contribuir academicamente com as questões referentes aos problemas na diferenciação dos gêneros relacionados com os campos da educação Física escolar e principalmente com o conteúdo de lutas na escola. O artigo foi desenvolvido de forma a auxiliar o entendimento de que o enfoque pedagógico no trato com as lutas pode possibilitar a quebra dos ideais sexistas que subestimam as mulheres e superestimam os homens.

A luta enquanto instituição social e desportiva pode significar um somatório a formação dos indivíduos, através das suas histórias, filosofia e prática. O levante dessa concepção aponta para vontade de desenvolvimento de sujeitos desprovidos de preconceitos e/ou que possam/saibam reconhecer que não deve haver diferenças a serem



consideradas na sociedade no que se refere a homens e mulheres, principalmente na escola, onde as lutas por poder estarão sempre presentes. Que possam também refletir sobre as identidades compreendendo os discursos dos sujeitos. Isso quer dizer, pensar sobre as práticas educativas que nos formaram e influíram na maneira como percebemos os significados de ser homem ou mulher, geralmente orientado por dicotomias.

Chegando até aqui, desejo que o artigo seja utilizado como mais uma produção que proporcione aos professores de educação física, outros olhares acerca da sua prática, para que em suas aulas dialoguem com seus educandos, no sentido de ensinar indivíduos que por desejo próprio ou por identificação pessoal com determinada prática de luta, usufruam de seus conhecimentos e se desenvolvam enquanto pessoas solidárias e reflexivas acerca das questões de gênero atuando nas desnaturalizações das sociedades.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

ALVES JR. Edmundo de Drumond. **O Judô na Universidade**: discutindo questões de gênero e idade. 2001. Disponível em: <http://www.ombrosdegigantes.com.br/doc/57.pdf>. Acessado em: 30/03/2014.

ALVES JR., Edmundo de Drumond e MESQUITA, Chuno Wanderlei. **Usando as lutas na Educação Física escolar**. Ed.:UFF, 2009. Niterói – Rio de Janeiro.

AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro de. Brinquedos e gênero na educação infantil: um estudo do tipo etnográfico no estado do Rio de Janeiro. **Biblioteca Digital USP**. (Tese de doutorado) São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2003. Disponível: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01102010-133724/pt-br.php> Acessado em: 20/11/2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental – **PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, 1998.

BREDA, Mauro; GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

CARREIRO, Eduardo Augusto. Lutas In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene



Conceição. A. **Educação Física na escola**: Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONNELL, Robert W. **Políticas de masculinidade**. Educação e Realidade – 20 (2): p. 185 – 206 jul/dez. 1995.

DORNELLES, Priscila Gomes. Distintos destinos? : a separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero. **LUME-UFRGS**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12189> Acessado em: 12/02/2014.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na Educação Física escolar. **Revista de Educação Física**, m.135, p.36-44, nov., 2006. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/23470551/1976374626/name/aslutas.pdf>. Acessado em: 10/05/2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. 2005. **Revistas USP**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303> Acessado em: 12/05/2014.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos Pedagógicos para o ensino das Lutas**: contextos e possibilidades. (Dissertação de mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, 2008.

ISSE, Silvane Fensterseifer. Corpo e feminilidade: um estudo realizado com meninas adolescentes no contexto da Educação Física Escolar. (Dissertação de mestrado) **LUME – UFRGS**. PPG em Ciências do Movimento Humano. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26874/000390449.pdf?sequence=1> Acessado em: 03/12/2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n2 (56) – maio/ago. 2008. Disponível em:



<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acessado em: 23/04/2014

_____. **O Corpo Educado**: Pedagogia das sexualidades. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.9-34.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p.9-27.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

OLIVER, Jean Claude. **Das brigas aos Jogos com regras**: Enfrentando a indisciplina na escola/ Jean Claude; trad. Heloísa Monteiro Rosário. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

QUEIROZ, Éllen Vilarino; ARAUJO, Lucas Gomes; SANTOS, Neilon Carlos. **Judô em suas Dimensões Intelectuais, Morais e Físicas: Um Componente Valioso para o Processo de Ensino-Aprendizagem na Educação Física Escolar**. 2007. Disponível em: <http://www.sbthost.com.br/apostilas/BH%20MG/Educacao%20Fisica/BHMGEdFisica/Especifico/Judo%20regras%20B%20E1sicas%20e%20contexto%20Escolar.pdf>. Acessado em: 23/08/2013.

SAYÃO, Deborah Thomé. A Construção de Identidades e Papéis de Gênero na Infância: Articulando Temas para Pensar o Trabalho Pedagógico da Educação Física na Educação Infantil. **Revistas UFG**. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/viewFile/43/39> Acessado em: 20/04/2014.

SOUZA, Gabriela C.; MOURÃO, Ludmila. Narrativas do Judô Feminino Brasileiro: Construção da Historiografia de 1979 a 1992. **Anais do XII Encontro Nacional de História. ANPUH – Rio de Janeiro**. 2006. Disponível em: <http://rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Gabriela%20C%20de%20Souza.pdf>. Acessado em: 23/03/2014.

THOMAZINI, Samuel Oliveira; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, Felipe Quintão. Controle de Si, Dor e Representação Feminina entre Lutadores(as) de Mixed Martial Arts. **Pensar a prática**. 2008. Disponível em:



<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/4992> Acessado em: 23/03/2014.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. Movimento – Ano III – n° 5 – 1996/2. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2228/936> Acessado em: 11/03/2014.